



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

**A eugenia relacionada ao saber: os estereótipos determinam quem se encaixa nos critérios performáticos?**

Eliane dos Santos Malheiros<sup>I</sup>

**Resumo:** Este estudo aborda uma prática pedagógica com alunos, sob os pressupostos teóricos da Educação Histórica. Buscamos compreender como o termo “Eugenia” se apresenta de forma implícita/explicita. O objetivo principal foi analisar o quanto a temática “Eugenia” contribuiu para a aprendizagem histórica. Assim, as fontes pesquisadas (teoria), bem como a atividade (prática), geraram um material para pesquisa científica.

**Palavras-chave:** Eugenia; Educação Histórica; Aprendizagem Histórica.

**Eugenics related to knowledge: do stereotypes determine who fits in the performance criteria?**

**Abstract:** This study approaches a pedagogical practice with students under the theoretical History of Education conceptions. Our aim is to understand how the term “Eugenics” presents itself implicitly/explicitly. The main objective is to analyze how much the topic of "Eugenics" contributed to historical learning. Thus, the searched sources (theory), as well as the activity (practice), generated material for scientific research.

**Keywords:** Eugenics; History of Education; Historical Learning.

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

Este artigo é fruto de uma prática pedagógica desenvolvida com alunos do 9º ano do ensino fundamental II (anos finais) e terceira série do Ensino Médio, a partir de uma temática relacionada ao conceito de “Eugenia”, concebido inicialmente no século XIX por Francis Galton<sup>II</sup>, que o definiu da seguinte maneira: “EUGENICS is the science which deals with all influences that improve the inborn qualities of a race; also with those that develop them to the utmost advantage. The improvement of the inborn qualities”<sup>III</sup>

Entretanto, mesmo antes do termo “Eugenia” ser criado por Galton em 1883, podemos apontar como exemplos algumas recorrências ao longo da história que caracterizam práticas eugenistas.

Ainda na antiguidade, observamos que a concepção espartana do que caracterizava um guerreiro era contrária a qualquer defeito físico, tendo em vista que se valiam de procedimentos desde a tenra infância do menino para que este se aprimorasse nas táticas de guerra, tornando-se assim um bom combatente.

Nas conquistas europeias em territórios como a Ásia, África e colônias americanas, esse discurso eugênico era totalmente aplicável, no intuito de justificar o imperialismo e a dominação nesses territórios, incutindo na mentalidade dos povos conquistados que estes eram “inferiores/subumanos” e, portanto, passíveis de serem dominados pelo europeu “superior”.<sup>IV</sup>

A escravização dos povos africanos trazidos para o Brasil repercutiu em séculos de subjugação e exploração destes. Após a abolição da escravatura, que se deu apenas no final do século XIX, a mão-de-obra africana foi substituída pelos imigrantes, os quais além de trabalharem, também faziam parte de uma estratégia para “embranquecer” a nação brasileira, ávida por uma identidade.

Dessa forma, “A cor da pele foi a característica classificatória que se impôs, tanto nas taxonomias científicas como nas concepções mais populares sobre as raças humanas. A cor e a forma dos cabelos e dos olhos, a estatura, diversos índices cranianos e faciais, o peso e o volume do cérebro, entre outros traços fenotípicos, também serviram às distinções raciais realizadas desde o século XIX; o desenvolvimento das técnicas de medição e do conhecimento anatômico mudaram, progressivamente, os critérios classificatórios.”<sup>V</sup>

Para Miranda,<sup>VI</sup> “No Brasil, nas décadas de 10 e 20 do século XX, as idéias [*sic*] de Galton passaram a exercer grande influência no meio médico, principalmente entre os higienistas e psiquiatras que acreditavam poder acabar com a ‘degeneração moral e racial’ da população brasileira”, tendo em vista a existência de um terreno bastante favorável, pois recém abolida a escravidão e proclamada a República do Brasil contribuíram para a apropriação dessas ideias eugenistas. Assim, “A tese do branqueamento criou a idéia [*sic*] de “arianização” do Brasil e, segundo seus teóricos, ocorreria com o decréscimo da população de mulatos e o desaparecimento dos negros no país. No final do século XIX, os elementos considerados não brancos passam a ser estereotipados pela elite como preguiçosos, bêbados e não persistentes para o trabalho; em contrapartida, elegeu-se o homem branco como o modelo do trabalhador ideal.”<sup>VII</sup>

Dessa forma, o Brasil se apropria das concepções eugênicas, tanto da Inglaterra quanto dos Estados Unidos, aplicando-as de acordo com a realidade brasileira.

Cont<sup>VIII</sup> aponta que os Estados Unidos, a França e a Alemanha apresentaram posturas eugênicas semelhantes, no que se refere à proibição dos casamentos entre pessoas portadoras de características indesejáveis, e incentivo à reprodução de pessoas de linhagens desejáveis. Ainda de acordo com o autor, nos Estados Unidos, “Para multiplicar a linhagem genética desejável, Laughlin sugeria até a poligamia e a procriação sistemática, uma ideia que seria posta em prática na Alemanha nazista, em 1935, por Heinrich Himmler, com a inauguração do *Lebensborn*, instituição responsável pela reprodução sistemática e controlada de indivíduos representativos da pura raça ariana.”<sup>IX</sup>

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

O Programa Lebensborn<sup>X</sup> contribuiu para que fossem geradas entre 8 e 10 mil crianças, nascidas de mulheres alemãs e norueguesas com soldados alemães que dominaram seu país.<sup>XI</sup> Outra estratégia do Programa foi a de raptar crianças polonesas, norueguesas e de outros países nórdicos dominados pelos alemães, pois elas apresentavam, segundo seu idealizador, características semelhantes às da raça ariana.

O caso da Alemanha nazista resultou na seguinte orientação/determinação: “As mulheres que se encontravam do lado alemão da ‘barreira racial’ eram vistas como ‘mães do volk’ (povo alemão). No Mein Kampf, Adolf Hitler afirmara que a finalidade da educação feminina deveria ser, irrevogavelmente, formar a futura mãe. Mais tarde completaria dizendo que, da mesma maneira que o homem deve dar provas de heroísmo no campo de batalha, colocar filhos no mundo é a forma de a mulher batalhar pela sobrevivência de seu povo. Em 1938, o regime chegou a instituir condecorações para mães alemãs com mais de quatro filhos. As propagandas de contraceptivos foram proibidas. Mesmo as que não tinham marido eram encorajadas a engravidar em benefício do interesse público, o ideal da conservação da raça. Mais do que valorizar a maternidade, o que se fazia era ressaltar a obrigação das mulheres para com a ‘raça’; como dizia o slogan, elas deviam ‘dar um filho ao Führer.’”<sup>XII</sup>

Afinal, por que o termo “Eugenia” é sempre associado ao nazismo? Quais são as implicações relacionadas às idealizações de uma “raça superior”, que projetam não apenas um padrão físico (cor da pele, dos olhos, dos cabelos, estatura etc.), como também a busca por um padrão intelectual de conhecimento? Que efeitos esta classificação de pessoas aptas (raça superior) e inaptas (inferiores e que deveriam ser esterilizados) fomentaram na história de vida das pessoas?

Tais reflexões contribuíram para gerar a questão norteadora de nossa atividade com os alunos: afinal, quais são as reverberações do conceito de “Eugenia”? Portanto, a partir desta introdução, apresentamos uma breve contextualização sobre a temática “Eugenia”. Daremos sequência, abordando o que nos instigou ao desenvolvimento desta atividade, com a análise sobre os resultados obtidos.

### **Justificativa**

Analisamos que as sociedades, no decorrer dos períodos, naturalizaram certos comportamentos, passando a aceitá-los em seu cotidiano, apropriando-se deles e transmitindo-os às futuras gerações.

Partindo desse pressuposto, destacamos então o nosso problema norteador: por que o termo “Eugenia” sempre é associado ao nazismo e quais são as implicações relacionadas às idealizações de uma “raça superior”? Assim, desenvolvemos nossa análise sobre como a eugenia esteve presente nas sociedades desde os primórdios.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, podemos observar discursos eugenistas enquanto tema contundente em eventos. Conforme apontam Alves e Pizolati<sup>XIII</sup>, o tema foi abordado no ano de 1927 durante a I Conferência Nacional de Educação (I CNE) realizada em Curitiba, organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), com grande relevância nas décadas de 1920, 1930 e 1940. “No decorrer da década de 1920, tornou-se hegemônica a posição que preconizava que a constituição do “novo homem” brasileiro deveria passar inevitavelmente pela educação, já que ela seria o principal dispositivo disseminador das próprias práticas eugênicas, entendidas de forma ampla, como incluindo cuidados com o corpo, sexualidade consciente, higiene e saneamento”.<sup>XIV</sup>

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

Por fim, frequentemente em sala de aula, deparamo-nos com alunos que se julgam incapazes de aprender. No caso específico da disciplina de História, muitas vezes o aluno justifica que não consegue compreendê-la, alegando que é devido a sua complexidade.

Dessa forma, através do título “A Eugenia relacionada ao saber: os estereótipos determinam quem se encaixa nos critérios performáticos?”, buscamos investigar a presença da prática eugenista, uma prática essencialmente social que visava a exclusão de elementos indesejados da sociedade, e sua relação com a abordagem tradicional de ensino que ainda persiste nos processos de ensino-aprendizagem.

Assim como a prática eugenista esteve presente ao longo da história, criando rótulos, ditando comportamentos e padronizando imagens de forma preconceituosa, a abordagem tradicional de ensino também se ocupou em preparar o indivíduo para as práticas sociais, tendo a escola como um espaço de disciplinamento do aluno, por meio de um ensino mecânico e coercitivo baseado na memorização, enciclopédismo e no intelectualismo. Uma cultura de performatividade ancorada em resultados que impõe metas de produção intelectual a partir de critérios de avaliação de desempenho. Enfim, uma tendência tradicional de ensino que rapidamente separa os alunos que aprendem dos alunos que não aprendem.

Ao analisarmos a necessidade atual de uma prática pedagógica mais inclusiva, perceberemos facilmente que a abordagem tradicional não favorece a inclusão, pois não se propõe a encontrar mecanismos para incluir o aluno que não aprende. É esta cultura performática – consequência de uma abordagem de ensino que não inclui o aluno na construção do conhecimento – que pretendemos explorar neste trabalho.

Buscamos observar ainda quais são os “gatilhos” que culminaram nesse bloqueio/obstáculo para o aprendizado. Estariam tais impedimentos relacionados à forma como esse aluno foi classificado durante sua história de vida/escolarização, como limitado, problemático, preguiçoso, desprovido de inteligência, incapaz, dentre tantos outros adjetivos pejorativos?

Destacamos também a importância na formulação das hipóteses, buscando confirmá-las ou refutá-las, produzindo assim um conhecimento científico, a partir do embasamento teórico, com objetivos bem definidos, metodologicamente fundamentado e que contribua significativamente para a área da pesquisa e do conhecimento.

### **Descrição e fundamentação da metodologia do estudo**

A atividade foi desenvolvida com alunos das duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II (anos finais) e uma turma da terceira série do Ensino Médio, em um colégio estadual na cidade de Londrina-PR e consistiu no trabalho voltado para o aprofundamento teórico sobre o conceito “Eugenia”, investigando primeiramente o conhecimento prévio destes em relação à temática. Esse público apresenta idades entre 14 e 18 anos aproximadamente.

O objetivo central dessa prática pedagógica foi de fomentar a aprendizagem histórica, atribuindo sentido e significado a ela, pois, conforme aponta Barca<sup>XV</sup>, “A aprendizagem processa-se em contextos concretos. É necessário que os conceitos façam sentido para quem vai apreender”.

O referencial teórico utilizado na metodologia de pesquisa se reportou aos pressupostos do campo de investigação da Educação Histórica, pois este analisa o processo de ensino e aprendizagem, sendo que o conhecimento histórico precisa ter sentido na vida prática das pessoas. Segundo Rösen<sup>XVI</sup>: “Somente quando a história deixar de ser aprendida como mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimentos acumulados, é que ela poderá ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fator de determinação cultural da vida prática humana [...].”

Para fundamentar nossa abordagem metodológica, reportamo-nos à pesquisa qualitativa, que gera a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), apresentada por autores como Kathy Charmaz<sup>XVII</sup> e Anselm Strauss e Juliet Corbin<sup>XVIII</sup>, tendo em vista que o foco de nossa análise do conteúdo foi principalmente subjetivo/interpretativo, podendo se valer da pesquisa quantitativa. Conforme apontam os autores, “Lembre-se, a ideia por trás da variação de métodos é pôr em prática os meios mais parcimoniosos e vantajosos para chegar a uma teoria. Tal tarefa exige sensibilidade para as nuances dos dados, tolerância para ambiguidade, flexibilidade no projeto e uma grande dose de criatividade”.<sup>XIX</sup>

Partindo desse pressuposto, conforme apontado pelos autores, foi introduzido o conceito de eugenia por meio de um estudo exploratório.

### Análise de dados

Para analisar os dados indutivos, levamos em consideração as respostas fornecidas pelos alunos,<sup>XX</sup> tanto na questão 1, em que apresentaram seus conhecimentos prévios sobre o conceito de Eugenia, como as respostas dadas à questão 2, após a explanação sistemática do conteúdo substantivo (Segunda Guerra Mundial) e, por conseguinte, do conceito vinculado ao mesmo.

Nesse Estudo Exploratório 1, para coleta dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o conceito de Eugenia, foram obtidas 44 respostas, selecionadas em três categorias, conforme seguinte classificação:

- Categoria 1 - conhecimento apresentado dedutivo/intuitivo sem relação direta com o conceito “Eugenia”;
- Categoria 2 - compreensão inicial sobre o conceito “Eugenia”;
- Categoria 3 – apresentação de alguma fundamentação, pesquisa ou leitura prévia sobre o conceito “Eugenia”.

O Estudo Exploratório 1 correspondeu à análise das respostas dos alunos a respeito do seguinte questionamento:

#### Quadro 1. Questionamento do Estudo Exploratório 1

Questão 1 - “O que você sabe sobre o conceito de EUGENIA? Explique sua resposta, sobre porque você apresenta este ponto de vista”

**Fonte:** dados da pesquisa

A partir das respostas dos alunos, que por conseguinte as classificamos em categorias, destacaremos alguns exemplos<sup>XXI</sup>:

#### Quadro 2. Categoria 1 – Conhecimento apresentado dedutivo/intuitivo sem relação direta com o conceito “Eugenia”

Algo que se espalha, ou a ser compartilhado, algo aderido por muitas pessoas, porque a palavra me lembra pandemia (B.V.S., 9º ano)

Eu acho que é relacionada a alguma coisa boa, bom uma pessoa Eugênio é uma pessoa boa, uma pessoa digna (M. C.P.S, 9º ano)

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

Pessoas que se acham muito inteligentes  
Eu: 1 pessoa + Genia: pessoa muito inteligente (J.C.S, 9º ano)

**Fonte:** dados da pesquisa

As respostas relacionadas à categoria 1 representam a ausência de conhecimento prévio a respeito do significado do termo, bem como outros se arriscaram ao fazer suas deduções e/ou conjecturas.

### Quadro 3. Categoria 2 – Compreensão inicial sobre o conceito “Eugenia”

A genética humana. (R.L., 9º ano)

Analisa o físico da pessoa, se ela tem alguma doença, para ser descartada para melhorar a genética das pessoas, aí professora sei lá se tá certo seja o que Deus quiser (A.C.R.S., 9º ano)

É a seletividade de certo grupo de pessoas com determinadas características genéticas.  
Não sei muito sobre este conceito, apenas me lembro vagamente por estudos em aulas de história de anos anteriores. (L.C.P, 3ª série)

**Fonte:** dados da pesquisa

A partir das respostas relativas a esta categoria 2, podemos inferir que a compreensão sobre o conceito de Eugenia se apresenta através da decodificação da palavra, bem como do acesso do registro da memória distante/recente, ou até mesmo da correlação com o saber experiencial.

### Quadro 4. Categoria 3 – Apresentam alguma fundamentação/pesquisa/leituras prévias sobre o conceito “Eugenia”

Eu acho que deve ser como uma seleção de pessoas, no qual apenas a "melhor raça" deve prevalecer. Apresento esse ponto de vista pois deve haver alguma relação com a Segunda Guerra Mundial, onde tinha esse negócio de "melhor raça". (P.G.M.C., 9º ano)

Eugenia na minha visão é quando se faz uma seleção de humanos que são selecionados com uma boa genética, ou seja, "privilegiados" fisicamente, visando um controle racial. Tendo em mente esse conceito, ele pode ser utilizado de várias formas, como no nazismo na qual culmina a "pureza racial" (P.P.P.F., 3ª série)

**Fonte:** dados da pesquisa

Nesta categoria 3, podemos observar que as respostas demonstram leituras, pesquisas, ou seja, um certo contato com o termo Eugenia. Infelizmente, alguns alunos apresentaram respostas iguais, e por isso foram excluídas da análise dos dados, por compreendermos que não houve originalidade na resposta, acarretando certa dificuldade para definir a autoria.

A partir das respostas obtidas nesta investigação inicial a respeito das ideias prévias, a temática da Segunda Guerra Mundial foi trabalhada com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II (anos finais) e terceira série do Ensino Médio. Houve a proposta de debatermos a temática em reuniões virtuais (Google Meeting) extracurriculares, em horário de contraturno (vespertino), onde alguns alunos se inscreveram para participar deste “Projeto de História”.<sup>XXII</sup>

Num segundo momento, após as aulas expositivas/dialogadas de forma remota e depois no formato híbrido, foram analisadas as fontes históricas (documentários, textos) acerca do conteúdo substantivo da Segunda Guerra Mundial, com ênfase nos grupos perseguidos pelos

A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

nazistas – judeus, ciganos, homossexuais, comunistas, negros – tendo como “pano de fundo” o holocausto.

As duas turmas do 9º ano formaram equipes e escolheram sobre qual grupo perseguido durante o período da Guerra iriam analisar. Tiveram como prerrogativa inferir acerca da relação entre o conceito de Eugenia e a perseguição destes grupos.

Neste estudo exploratório 2, analisamos a progressão das ideias históricas apresentadas pelos alunos a partir dos dados empíricos coletados no decorrer de todo processo de ensino e aprendizagem, com as aulas expositivas/dialogadas (formato híbrido), com análise de fontes, apresentação de trabalhos pelos alunos e, por fim, culminando com as 50 respostas dadas à seguinte questão:

**Quadro 5.** Questionamento do Estudo Exploratório 2

Questão 2 - **Sobre o conceito de EUGENIA, concebido inicialmente no século XIX por Francis Galton (1822-1911), segundo o autor, "Eugenia é a ciência que lida com todas as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; também com aqueles que os desenvolvem com a máxima vantagem. O aprimoramento das qualidades inatas."** (GALTON, 1904, p. 1). **RESPONDA:** Em nossa sociedade contemporânea é possível verificar a permanência [ou não] de práticas eugenistas? Por quê?

**Fonte:** dados da pesquisa

As respostas dos alunos foram selecionadas em 3 categorias:

- Categoria I - negacionismo sobre a permanência do pensamento eugenista;
- Categoria II - permanências diretas/indiretas de práticas eugenistas: preconceito (racial, homofobia, intolerância religiosa, bullying, contra deficientes físicos/cognitivos);
- Categoria III - contribuições a partir de uma “Eugenia positiva”.

A seguir, alguns exemplos serão compartilhados para demonstrar como os alunos teceram sua linha de raciocínio através de suas respostas.

**Quadro 6.** Categoria I – Negacionismo sobre a permanência do pensamento eugenista

Eu acho que "hoje em dia" não existe mais práticas eugenistas (P.I.J.P., 9º ano)

Não, porque essa prática não é mais aceitável, pois as pessoas que eram "indigno" eram forçados e esterilizados contra a sua vontade. (A.H.B., 9º ano)

**Fonte:** dados da pesquisa

Nesse sentido, podemos inferir que o discurso negacionista presente nos dois exemplos citados reflete a complexidade do tema, fomentando múltiplas interpretações, tanto convergentes como divergentes.

**Quadro 7.** Categoria II – Permanências diretas/indiretas de práticas eugenistas: preconceito (racial, homofobia, intolerância religiosa, bullying, contra deficientes físicos/cognitivos)

A respeito do conceito eugenista, existem sim famílias que rejeitam crianças nascidas com alguma deficiência, na verdade, independentemente de ser familiar ou não, ainda existe o preconceito entre as pessoas, de achar que é algo “sujo”. Hoje temos hospitais especializados, que fazem trabalhos incríveis, ajudando a melhorar o desempenho dos deficientes, mostrando ao mundo que eles também são capazes. (R. A. F., 9º ano)

Claramente, sim. Analisando o fato de que a palavra "eugenia" caiu em desuso, portanto hoje em dia é muito difícil encontrar alguém utilizando esse termo. Mas infelizmente, o conceito da palavra ainda é muito praticado

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

pelas pessoas. Hoje, há um novo nome para o conceito de eugenia, e é o "preconceito". Visando que praticas eugenistas condizem em ridicularizar a existência de uma pessoa por características físicas e psicológicas utilizando de uma ciência, ainda vemos muito disso na sociedade contemporânea. Um breve exemplo: o preconceito com a comunidade LGBTQIA+, a qual é atacada com "argumentos" de cunho religioso e também científico, utilizando da biologia só quando convém a pessoa. (L.D., 9º ano)

Sim dá pra se perceber a eugenia a partir do momento em que o primeiro pensamento que tomes quando falam sobre modelos e uma loira do olho azul com o corpo definido. (F. T.P., 3ª série)

**Fonte:** dados da pesquisa

As respostas citadas como exemplo desta categoria representam a percepção que esses alunos têm da realidade ao seu redor, ou seja, alguns observaram a permanência das práticas eugenistas em relação ao preconceito, nas mais variadas ramificações, a partir das vivências no seu cotidiano.

### Quadro 8. Categoria III – Contribuições a partir de uma “Eugenia positiva”

Na minha opinião seria bom o aprofundamento desses métodos para prevenir que pais tenham filhos com síndromes e doenças trazidas dos pais. (C.M.S.B, 3ª série)

Sim, a eugenia é algo ainda presente em nossa sociedade. Porque existem pessoas que geneticamente são melhores que outras, por exemplo os corredores Africanos, acredita-se que eles são mais velozes por características genéticas. (P.P.P.F, 3ª série)

**Fonte:** dados da pesquisa

Essas respostas, que aparentemente demonstram um olhar positivo sobre a eugenia, representam na verdade a complexidade intrínseca ao tema, tendo em vista que tanto a primeira quanto a segunda resposta podem aqui revelar – mesmo que de maneira implícita – a dificuldade que o indivíduo encontra ao lidar com questões que envolvam limitações e performance.

Para resumir em um quadro as respostas dos alunos à questão 1 (conhecimentos prévios) e posteriormente à questão 2, após o desenvolvimento da atividade com eles, apresentamos o seguinte quadro:

### Quadro 9. Progressão das ideias históricas

ANTES (Estudo exploratório 1)	DEPOIS (Estudo exploratório 2)
Eu acho que é relacionada a alguma coisa boa, bom uma pessoa Eugênio é uma pessoa boa, uma pessoa digna (M.C.P.S, 9º ano)	Sim. Porque tem pessoas que acham que todos devem ser do mesmo padrão. E o preconceito ainda está presente em nossa sociedade. (M.C.P.S, 9º ano)
Eu não sei/ eu não me lembro (M.S.R, 9º ano)	Sim por causa do preconceito contra as pessoas “fora do padrão” (M.S.R, 9º ano)
Pessoas que se acham muito inteligentes Eu: 1 pessoa + Genia: pessoa muito inteligente (J.C,S, 9º ano)	Sim porque sempre fazemos manifestações para igualdade social de todos as raças, gêneros, orientação sexual e religiões (J.C,S, 9º ano)
Deve ser algum movimento ou algo do tipo (P.I.J.P, 9º ano)	Eu acho q "hoje em dia" não existe mais práticas eugenistas (P.I.J.P, 9º ano)

A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

A genética humana. (R.L, 9º ano)	Sim, já que ainda existem muitos tipos de preconceitos, e como a sociedade inventou o quesito "padrão", quem é diferente de tal são julgados, o padrão normalmente são pessoas: magras, inteligentes, brancas, cabelos lisos, etc. Então imagino eu que isso está bastante presente nos dias de hoje. (R.L, 9º ano)
É a seletividade de certo grupo de pessoas com determinadas características genéticas. Não sei muito sobre este conceito, apenas me lembro vagamente por estudos em aulas de história de anos anteriores. (L.C.P, 3ª série)	A eugenia ainda se faz presente pelo preconceito, nos dias atuais a discriminação continua influente em diversas pessoas. E, infelizmente, muitas pessoas ainda sofrem pelas atitudes e práticas racistas de outras apenas por suas diferenças genéticas. (L.C.P, 3ª série)
Na realidade não sei muito sobre o assunto, mas entendo que a ideia do eugenismo consiste em que existe um grupo superior, e o restante inferior, sendo assim tratados de mal maneira. O grupo superior iria excluir o inferior para não "sujar" a linha de reprodução, se considerando a melhor e superior raça. (M.B.T, 3ª série)	Na sociedade atual, não é possível verificar nitidamente a permanência de práticas eugenistas. No entanto ainda existem inúmeros casos de racismo pelo mundo todo, porém de forma mais "velada" diferentemente do passado, ainda assim existindo discriminações raciais, acredito que sim ainda á vestígios de eugenia na sociedade atual. (M.B.T, 3ª série)

**Fonte:** dados da pesquisa

Os dados obtidos a partir dessas respostas objetivam a observação individualizada sobre o desenvolvimento do aprendizado histórico. Assim, comparamos o conhecimento que o aluno apresentava antes da explanação do tema, com o conhecimento que ele passa a ter após o trabalho com a temática nas aulas de História.

Segundo afirma Peter Lee, <sup>XXIII</sup> “A progressão das ideias é então possível em História, tornando-se uma transição de ideias menos poderosas para ideias mais poderosas.”, assim podemos analisar como esta progressão das ideias históricas dos alunos ocorreu através do estudo exploratório aplicado (parte 1 e 2).

### Algumas considerações

Buscando responder os questionamentos inicialmente propostos, apresentamos um breve contexto histórico de como as práticas eugenistas estiveram presentes ao longo da história, mesmo antes do conceito Eugenia ter sido criado por Francis Galton no final do século XIX, bem como antes também deste conceito ter ganho destaque e evidência a partir do holocausto na Segunda Guerra Mundial.

Através da prática pedagógica desenvolvida, objetivamos essencialmente favorecer os processos de interatividade, mesmo que de forma remota, posteriormente híbrida, estimulando os alunos na busca e na construção do conhecimento referente ao termo “Eugenia” para que estes desenvolvessem a aprendizagem histórica, atribuindo sentido e significado a mesma.

Apesar da complexidade do tema proposto e da subjetividade presente nas respostas dos alunos participantes do estudo em questão, percebemos fortes influências ligadas a questões de afetividade, sociabilidade, moralidade, racionalidade, que interferem diretamente nas relações que são estabelecidas no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, contrariando a sugestão inicial de que os estereótipos determinam quem se encaixa nos critérios performáticos do saber, cada aluno teve a oportunidade de interiorizar o tema

## A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

eugenia, através das correlações históricas, buscando sentido e significado não somente através de comportamentos e atitudes eugenistas observadas no passado, mas também no presente, onde estas mesmas atitudes e comportamentos ainda persistem.

Partimos do pressuposto teórico que autores como Peter Lee<sup>XXIV; XXV</sup> e Isabel Barca<sup>XXVI; XXVII</sup> fizeram ao classificar em níveis a progressão das ideias históricas dos alunos analisados em seus estudos.

Porém, no caso específico desse estudo que aplicamos através de nossa prática pedagógica, do qual participaram alunos do 9º ano e terceira série do Ensino Médio, a categorização das ideias que esses alunos apresentaram, demonstradas no estudo exploratório (parte 1 e 2), teve como ponto de partida a análise da progressão das ideias do próprio aluno (ênfase no aprendizado individual) e não no coletivo dos alunos (classificação por níveis do grupo analisado).

Outro ponto a ser destacado neste estudo, foi a participação dos alunos inscritos nas reuniões virtuais extracurriculares, denominado de Projeto de História, momento em que nos aprofundamos nos debates e análises sobre o conceito de eugenia, bem como das práticas eugenistas no decorrer da história e ainda presentes de forma implícita ou explícita.

Por fim, segundo Peter Lee<sup>XXVIII</sup>, para dar sentido e significado à teoria através da prática e vice-versa, “Pesquisa e prática devem andar juntas com o desenvolvimento do currículo e com a contribuição dirigida por professores em estudos pilotos em pequena escala”. Assim, percebemos que o ensino de História pode fomentar no aluno uma melhor compreensão da realidade social em torno de si, e do mundo, correlacionando os conteúdos de História à sua vida prática.

### Notas

<sup>I</sup> Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (UEL). Graduada em História (UEL). Leciona a disciplina de História pela SEED-PR, para alunos do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio. **e-mail:** eliane.santos13@escola.pr.gov.br

<sup>II</sup> Francis Galton (1822-1911): Naturalista e especialista em estatística. Primo de Charles Darwin e seguidor de suas ideias evolucionistas. Sobre Galton (1875), conferir [www.galton.org](http://www.galton.org).

<sup>III</sup> Tradução: EUGENIA é a ciência que lida com todas as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; também com aqueles que os desenvolvem com a máxima vantagem. O aprimoramento das qualidades inatas. (GALTON, 1904, p. 1).

<sup>IV</sup> SEYFERTH, *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*, 179; CONT, *O controle de características genéticas humanas através da institucionalização de práticas socioculturais eugênicas*, 512.

<sup>V</sup> SEYFERTH, *idem*, p. 176.

<sup>VI</sup> MIRANDA, *Uma estranha noção de ciência: repercussões do pensamento eugênico no Brasil*, p. 301.

<sup>VII</sup> *idem*, p. 295.

<sup>VIII</sup> CONT, “O controle de características genéticas humanas através da institucionalização de práticas socioculturais eugênicas”.

<sup>IX</sup> *idem*, p. 522.

<sup>X</sup> Lebensborn significa “origem” ou “fonte de vida” – fora criada em 1935 como um tipo de organização em prol do bem-estar, fundada pelo Partido Nazista para administrar maternidade em toda a Alemanha. (VON OELHAFEN; TATE, 2017, p. 84).

<sup>XI</sup> BERTONHA, “As crianças esquecidas de Hitler. A verdadeira história do programa Lebensborn”.

<sup>XII</sup> PINSK, *Nazismo, gênero e as crianças da “raça superior”*, p. 2.

<sup>XIII</sup> ALVES & PIZOLATI, “Eugenia, educação e saber médico: o discurso eugênico na I Conferência Nacional de Educação (1927)”.

<sup>XIV</sup> *idem*, p. 437.

<sup>XV</sup> BARCA, *Educação Histórica: uma nova área de investigação*, p. 20.

A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

- <sup>xvi</sup> RÜSEN, *Contribuições para uma teoria da didática da história*, p. 87.
- <sup>xvii</sup> CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Trad. de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- <sup>xviii</sup> STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Tradução de Luciane de Oliveira Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- <sup>xix</sup> idem, p. 45.
- <sup>xx</sup> Estudo exploratório (1 e 2) realizado utilizando a plataforma do Google Classroom, disponibilizado em um formulário elaborado no Google.
- <sup>xxi</sup> Mantivemos a forma como os alunos escreveram suas respostas, inclusive os erros ortográficos. Para denominar seus autores e ano letivo que estudam, utilizamos a abreviação dos seus respectivos nomes, para preservar suas identidades.
- <sup>xxii</sup> Este Projeto de História, consistiu em reuniões virtuais extras, através do Google Meeting, durante 4 encontros na quinta-feira com duração aproximada de uma hora. Foram 12 alunos que participaram voluntariamente destas reuniões, para aprofundar o estudo sobre a Segunda G.M, e por conseguinte como o conceito Eugenia se manifestou/manifesta.
- <sup>xxiii</sup> LEE, *Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé: compreensão das pessoas do passado*, p. 25.
- <sup>xxiv</sup>, idem.
- <sup>xxv</sup> LEE, Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, especial, p. 131-150, 2006. (Dossiê educação Histórica).
- <sup>xxvi</sup> BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA**, Porto, v. 2, p. 13-21, 2001.
- <sup>xxvii</sup> BARCA, Isabel. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 115-126, jan./jun. 2007.
- <sup>xxviii</sup> LEE, *Em direção a um conceito de literacia histórica*, p. 147

## Referências

- ALVES, Alexandre; PIZOLATI, Audrei Rodrigo da Conceição. Eugenia, educação e saber médico: o discurso eugênico na I Conferência Nacional de Educação (1927). **Revista História & Ensino**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 427-451, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/33680/25789> Acesso em: 20 set. 2020.
- BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA**, Porto, v. 2, p. 13-21, 2001.
- BARCA, Isabel. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 115-126, jan./jun. 2007.
- BERTONHA, João Fábio. As crianças esquecidas de Hitler. A verdadeira história do programa Lebensborn. **Diálogos**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 251-255, 2017.
- CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Trad. de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CONT, Valdeir del. O controle de características genéticas humanas através da institucionalização de práticas socioculturais eugênicas. **Scientiae studia**, v. 11, n. 3, p. 511-530, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662013000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662013000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en). Acesso em: 25 set. 2020.
- GALTON, Francis. Eugenics: its definition, scope, and aims. **The American Journal of Sociology**, v. 10, n. 1, p. 1-25, 1904. Disponível em: <http://galton.org/essays/1900-1911/galton-1904-am-journ-soc-eugenics-scope-aims.htm>. Acesso em: 24 set. 2020.

A EUGENIA RELACIONADA AO SABER: OS ESTEREÓTIPOS DETERMINAM QUEM SE ENCAIXA NOS CRITÉRIOS PERFORMÁTICOS?

MALHEIROS, E. S.

GALTON, Francis. A theory of heredity. **Contemporary Review**, v. 27, p. 80-95, 1875. Disponível em: [www.galton.org](http://www.galton.org). Acesso em: 05 set. 2020.

LEE, Peter. Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé: compreensão das pessoas do passado. *In: Actas das Segundas Jornadas de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2003. p. 19-36.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, especial, p. 131-150, 2006. (Dossiê educação Histórica).

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Uma estranha noção de ciência: repercussões do pensamento eugênico no Brasil. **Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica**, n. 27, v. 1, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. Nazismo, gênero e as crianças da “raça superior”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, e51806, 2018.

RÜSEN, Jörn. Contribuições para uma teoria da didática da história. *In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história*. Curitiba: W. A. Editores, 2016.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Museu Nacional, UFRJ. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 175-203, 1995. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581>. Acesso em: 15 set. 2020.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Tradução de Luciane de Oliveira Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VON OELHAFEN, Ingrid; TATE, Tim. **As crianças esquecidas de Hitler: a verdadeira história do programa Lebensborn**. Trad. de Rogério Bettoni. São Paulo: Contexto, 2017.